O DEMOCRATA

(AVENÇADO)

Semanário Republicano de Aveiro

Redacção e Administração
Rua Miguel Bombarda, 21
Comp. e Imp.—IMPRENSA UNIVERSAL
R. Combatentes da G. Guerra — AVEIRO

Director e Proprietário
Arnaldo Ribeiro

Editor e Administrador
Manuel Alves Ribeiro
Correspondência dirigida ao Director
Publicidade Lisboa e Pôrto *Agência Havas*

ANO 37.º — N.º 1836
Sábado, 13 de Maio de 1944

VISADO PELA CENSURA

O novo Exército

Na base aérea da Ota os chefes do Estado e do Govêrno assistiram, acompanhados de altas personalidades, a uma impressionante parada das nossas fôrças aéreas.

Tal é, secamente, o facto. Ele comporta, porém, uma lição — e não será demais salientá-la, agora que passou mais um aniversário da posse de Salazar na pasta da Guerra, e vem a ser que — depois de sanear as finanças, restaurar as nossas fontes de riqueza, abrir perspectivas à economia nacional, renovar por completo a mentalidade portuguesa — a Revolução Nacional soube dar à nação o seu Exército, completamente apetrechado, perfeitamente instruído, consciente da sua fôrça e da sua missão.

Tinhamos já uma nova Marinha ao serviço da nação; podemos afirmar agora, com mais confiança em cada dia que passa, que temos também o novo Exército de que carecíamos.

P. S.

Além túmulo

Dr. João Pires

O corpo docente do Liceu de José Estêvão colocou ante-ontem sôbre a campa do saudoso reitor um ramo de flores, por ter passado o 6.º aniversário do seu falecimento.

Homenagem simples, mas significativa.

O TEMPO

E tudo o vento levou!... Inclusivamente a chuva, que tanta falta faz à agricultura, trazendo os lavradores apreensivos, com justificada razão.

Se lhes parece...

BATATA NOVA

Começou a aparecer no nosso e noutros mercados, adquirindo-se agora por mais baixo preço.

Em Aveiro vende-se a 1$50 o quilo.

Será por muito tempo? Será por pouco tempo?

Estamos para vêr.

Torneio Aveirense de Xadrez

Está pràticamente terminada esta interessantíssima competição.

Dela saíram vencedores os srs. eng. Amilcar Grijó e dr. José Cristo, nos Grupos A e B, respectivamente, a quem serão oportunamente entregues duas valiosas taças de prata, troféus que alcançaram com todo o merecimento.

O vencedor do Grupo A conseguiu chegar ao fim do torneio sem nenhuma derrota. O real mérito dêste jogador está na sua técnica. Conhece bem a teoria das aberturas e fins de partida; teve, no entanto, que defrontar-se com adversários aguerridos. Conduziu, porém, os seus jogos com muita segurança.

O sr. dr. José Cristo totalizou uma grande superioridade de pontos sôbre a maioria dos restantes concorrentes, sendo interessante frisar que é, dentre todos os competidores, o que joga há menos tempo. Muito calmo, defende-se bem e ataca com energia. Com a prática que lhe falta e com a técnica que, certamente, virá a alcançar, constituirá, de futuro, um forte adversário.

Todo o torneio despertou vivo interêsse. Algumas sessões tiveram grande assistência.

Inspecções militares

Vão realizar-se de 18 a 24 do corrente, principiando, no primeiro dia, por Aradas e parte de Eirol; em 19 os restantes mancebos de Eirol, Cacia, Eixo e Nariz; em 20, os da freguesia da Glória (cidade); em 22, os de Esgueira e parte da Oliveirinha; em 23 os restantes da Oliveirinha, Requeixo e parte da Vera-Cruz (cidade) e em 24 os restantes da Vera-Cruz.

Hino à Pátria

Durante uma curta visita que o Marechal Petain fez a Paris, a multidão, que se reuniu nos Campos Elísios, ao vê-lo passar, em pé, no seu automóvel, cantou a *Marselhesa* — dizem os diários.

A alma e o coração da França a manifestarem-se.

José Cardoso Santarém

Fomos dolorosamente surpreendidos esta semana com a notícia da morte do director do *Jornal de Santo Tirso*, colega que conhecemos na reunião da imprensa regionalista há poucos meses realizada no Pôrto e de quem conservamos grata lembrança pela maneira como junto dêle passámos algumas horas de fraternal convívio.

A toda a família enlutada e à Redacção do *Jornal de Santo Tirso*, os nossos sentidos pêsames.

O DEMOCRATA vende-se no Quiosque da Praça Marquês de Pombal—Aveiro.

OS DESVARIOS DA MOCIDADE

(História duma rapariga moderna)

pelo prof. Serras e Silva

III

Noite de insónia e de tortura!

O espectro do passado obsecava-a e mergulhava aquêle pobre espírito na dúvida, na incerteza, tornando-o incapaz duma resolução. Quem pudesse apagar com a esponja tôdas as linhas negras traçadas no quadro da sua vida!

Alta noite a mãe apareceu no seu quarto para lhe dizer alguma palavra de consolação; aceitou as manifestações de carinho, o que dantes não fazia; os afagos maternais incomodavam-na. Certamente doía-lhe que as faces beijadas por lábios sensuais recebessem as carícias maternais.

Um ano antes, uma proposta de casamento tê-la-ia feito rir; agora causava-lhe tôda esta desordem de cabeça, de coração e de consciência.

Os tempos tinham mudado; o amor, em que não acreditava, tinha-se instalado sub-septicamente naquela alma. Era êle que a tinha levado à igreja a pedir a cura do doente, por um movimento automático e quási inconsciente; era êle que tôdas as tardes lhe encaminhava os passos para ir conversar com o enfermo e lhe fazia gozar a satisfação que êste manifestava em a ver; era êle que a fazia agora sofrer tanto.

O coração, pela primeira vez naquela vida desregrada, tinha tomado posição.

Quanto mais profundo é o abismo, mais desejado é o Sol. Aquêle amor aquecia tôdas as fibras do coração fechado e frio—durante tantos anos. Mas os problemas que suscitava pareciam insoluveis. O amor já não era apenas «a palavra inventada pelos poetas e romancistas para criar sentimentos doentios de que foram vítimas os antepassados» — como diz a carta a propósito das suas loucuras.

Com a manhã, com a luz do Sol, tomou a resolução heróica de correr a casa daquêle homem extraordinário para lhe dizer tudo. Mas deixemo-la contar, ela mesmo, a história em poucas linhas:

«No dia seguinte, febril, logo de manhã corri para junto dêle, com o firme propósito de tudo contar, para que ouvisse da minha bôca o que havia sido o meu passado e verificasse que era indigna, mas que me conservasse ainda, ao menos, a piedade da sua compaixão».

Pobrezita!

Estava resolvida ao sacrifício; uma alma leal não podia proceder doutra maneira. Mas que ao menos ficasse de pé aquêle dó em que lhe tinha falado na segunda vez que se encontraram na praia, naquêle passeio à beira de água. Ele tinha-lhe dito:

—Tenho dó de si...

Pois ficaria assim. Bastar-lhe-ia a compaixão.

«Ao chegar junto dêle, como desvairada, ajoelhei-me e, num chôro convulsivo, tentei pronunciar as primeiras palavras, mas não mo consentiu e pediu que me calasse».

Assim ficou durante minutos até que a emoção dos dois se acalmasse e pudessem sair do enleio em que ambos se debatiam. A pobre pecadora, debulhada em lágrimas e de joelhos aos pés do seu salvador! Quadro que faria a glória do artista que o desenhasse e pintasse bem.

Passados êsses minutos «levantou-me a cara dos seus joelhos e disse-me, tratando-me a primeira vez por tu:

—Vinhas com a ideia de me dizer qualquer coisa que certamente me seria muito penoso ouvir da tua bôca; não é a mim que o deves dizer, mas a Deus, que completará a tua mudança. Peço-te que te vás confessar e diz ao padre tudo o que tencionavas dizer-me. Terás o perdão de Deus porque o meu está assegurado.

Tôda esta cêna é simples e exposta em têrmos simples, mas é muito nobre e muito grande, duma grandeza que se não encontra duas vezes na vida.

Aquêle homem aparece neste quadro como uma figura estranha, como no claro-escuro de Rembrandt, em que há luta entre a luz e a sombra... Aqui é a luta entre a virtude e o êrro, entre a abnegação e o egoísmo. Aquêle homem, dotado de perspicácia, tinha grande coração e era crente: sabia pela lição do Evangelho que Cristo foi magnanimo com as pecadoras arrependidas.

Que contraste entre êste e os outros que haviam manchado a sua alma e a tinham feito descer às vulgaridades mais baixas da natureza humana!

Agora o homem da Providência estendia-lhe a mão e levantava-a da lama em que outros a tinham mergulhado. Não era só a caridade, a compaixão — era o amor, o verdadeiro, que se compraz em amar o objecto da sua afeição, em gozar da sua presença, mas que não fica por aí, vai até ao sacrifício para servir. O amor verdadeiro goza e serve, mas, se é preciso, serve com o sacrifício, gozando ainda em se sacrificar.

Esta cêna cheia de nobreza, de elevação e ideal estava oculta, ignorada, perdida e só o acaso a tirou da sombra e trouxe à publicidade.

A mais bela história é a que se não escreve e ninguem conhece.

De vez enquando

Depois da partida, o regresso; e atrás dêste, a recordação, a saüdade.

Que bem me souberam os 15 dias que fui passar fora, com velhos amigos e a uma terra que, sem desdouro, considero a mais linda vila do nosso distrito!

Pois é verdade. Há muito que me não era dado apreciar a vida com tanta calma e a Natureza com tanta afeição. O sol, os lírios dos campos, as rosas dos jardins, as avesinhas dos espaços, as colinas, os vales, as árvores, as montanhas, os regatos, tudo, tudo isso, que é belo, eu contemplei com absoluta serenidade e em companhia de amigos que jàmais posso esquecer. Dias felizes foram, portanto, êsses, por serem de harmonia, de paz, de renovação espiritual. Felizes e alegres — devo acrescentar. E divertidos também. Uma vilegiatura completa, sem lhe faltar nada... Foi, porém, demasiadamente curta, visto o tempo passar-se depressa, o que sempre sucede quando nos sentimos bem em qualquer parte.

E' que há terras que prendem mais que o coração, os encantos das mulheres.

E Oliveira de Azemeis, para mim, é uma delas.

JOÃO DO CAIS

AVEIRO E O DESPORTO

Poucas terras há no país com melhores ou mesmo idênticas condições para o desenvolvimento dos desportos náuticos como a nossa, priveligiada com uma ria admirável para nela se realizarem as melhores provas que no género se possam organizar.

As duas agremiações locais, *Clube dos Galitos*, no rêmo, e *Sport Clube Beira-Mar*, em natação, actuando por intermédio de alguns dos seus sócios, verdadeiros *carolas*, quer por um, quer por outro género dêsses desportos, sacrificando muitas vezes as finanças agremiativas, ou, ainda relativamente mais, a bolsa de alguns, têm conseguido, para prestígio dos seus nomes e da cidade, honrosissímas classificações, alcançadas pelos seus representantes em competência com naturais e estrangeiros.

Mas êsses triunfos custam caro e não se auferem sem grande esfôrço, muito boa vontade e dispêndio de dinheiro, que os dois clubes não possuem, e não pode ser suprido repetidamente pela bolsa, nem sempre muito abonada, da maior parte dos tais *carolas* que, aliás, não podem também estar sempre a sacrificar-se para honra da colectividade.

Em outras terras do país, onde tais desportos se praticam, as entidades organizadoras são sempre, mais ou menos, coadjuvadas monetária e materialmente pelas entidades oficiais, que vêem nas competições a que concorrem os seus representantes, não só um estímulo à educação física — hoje tão proclamada, mas infelizmente tão pouco compreendida por muita gente — como um meio de atracção turística e de propaganda para as localidades onde essas competições são feitas, ou donde são naturais os competidores.

Viana do Castelo, a cidade irmã, querida dos aveirenses, ainda há pouco tempo viu a sua Câmara Municipal subsidiar a organização das provas nacionais de rêmo e natação, que ali se devem realizar êste ano, com uma verba de 10 mil escudos.

A Figueira da Foz, para realização, êste ano, das regatas internacionais, e por intermédio da Comissão Municipal de Turismo, concedeu aos dois clubes organizadores um subsídio de 15 mil escudos.

Em Setubal, o organismo similar, além dos subsídios concedidos, mandou edificar um esplêndido *hangar* para recôlha das embarcações desportivas.

No Pôrto, as entidades oficiais não deixam jámais de auxiliar as competições que em qualquer modalidade daquêles desportos ali se façam.

Em Lisboa... escusado será falar. E em tôda a parte são pelos organismos oficiais instituidos valiosos prémios concedidos aos vencedores.

Pois em Aveiro, onde existe também uma Comissão Municipal de Turismo, para se conseguir — quando se consegue — umas minguadas dezenas de escudos, é preciso quási andar de chapeu na mão e empenhar influências! E, todavia, parte das receitas cobradas pelo impôsto de turismo, como sucedeu no ano último, revertem para o Estado, porque não são aplicadas na cidade!

O *Sport Clube Beira-Mar*, lutando com um grande *déficit*, provocado pelo desporto, não poderá organizar ou concorrer a provas de natação por carência de elementos e de recursos, sendo a falta dos primeiros motivada pela falta dos segundos.

O *Clube dos Galitos* estará naturalmente impossibilitado de organizar quaisquer provas de rêmo, ou de se fazer representar em competições fora de Aveiro, porque não dispõe — nem os seus estatutos permitem a sua aplicação em desportos — de fundos necessários a financiar quaisquer provas desportivas. A verba recolhida entre os sócios da Secção Náutica mal chega para pagar o aluguer do armazem de recôlha dos barcos, e a bolsa dos sócios não pode, positivamente, mesmo com a melhor boa vontade, compensar a falta de quem tem o dever de prestar o seu auxílio a tôdas as iniciativas que em Aveiro se façam para bem do desporto e do bom nome e propaganda da nossa terra.

Consideramos, pois, ser absolutamente necessário que êsse auxílio seja prestado por quem tem obrigação de o fazer, e nesta espectativa ousamos esperar que a Comissão Municipal de Turismo, da qual fazem parte pessoas que bem conhecem a situação dos dois clubes em referência e das suas possibilidades de fazerem boas organizações em qualquer dos desportos citados, e são grandes *carolas* também, não continuará a regatear-lhes a coadjuvação que êles merecem.

P. A.

Princesa Santa Joana

Deve ter lugar àmanhã no antigo Mosteiro de Jesus a festa anual em honra da filha de D. Afonso V, que professou, viveu e morreu no convento anexo, saindo, de tarde, a procissão em que figurará a imagem da excelsa princesa.

Preside a todos os actos religiosos o sr. Arcebispo-Bispo da diocese e no cortejo incorporar-se-ão tôdas as confrarias da cidade.

Na Secção Náutica do Clube dos Galitos

Homenagem póstuma a um dos seus mais prestimosos auxiliares — o dr. Lourenço Peixinho

No sábado passado, a direcção da Secção Náutica do Clube dos Galitos, presidida pelo sr. Pedro Grangeon, convidou algumas pessoas mais intimamente ligadas aos trabalhadores dêsse desporto, a assistirem a uma reünião na qual estiveram presentes também os dirigentes dos últimos anos que tiveram como presidente o sr. dr. António Peixinho.

O sr. Pedro Grangeon, após os cumprimentos, informou que finalmente o *schell*, que se havia cedido à Federação para as provas de Barcelona, acabava de chegar perfeitamente em ordem, restaurado, o que era caso para nos congratularmos—disse—visto que há cêrca de um ano se aguardava já, com certa impaciência, a entrega daquela unidade. E, continuando, acrescentou que a Direcção da Secção Náutica do Clube dos Galitos não desejava dar quaisquer passos definidos sem que a sua actuação fôsse balizada por um acto de justiça, a todos, certamente, muito simpático.

Existe uma dívida de gratidão em aberto para com alguém de quem esta Secção Náutica tanto recebeu. E' necessário, pelo menos, amortizá-la. E digo amortizá-la porque é simples e modesta de mais a homenagem que se vai prestar, embora, e talvez por isso mesmo, mais vincado e fundo tenha o cunho da sinceridade. Há muito que devia ter-se realizado, mas a demora justifica-a o facto de presidir às anteriores direcções da Secção Náutica o sr. dr. António Peixinho. Razões de reconhecido melindre, que nos cumpre respeitar e acatar, obstaram ao cumprimento dêsse dever.

Já V. Ex.as adivinharam por estas palavras quem é o vulto que pretendemos honrar nêste momento e tomar para patrono da nossa actividade dentro da Secção Náutica do Clube dos Galitos.

Foi o dr. Lourenço Peixinho, grande amigo desta casa: braços sempre abertos às suas aspirações; encorajamento pronto às suas iniciativas; cooperação preciosa e desinteressada, apoio moral e material por largos anos, teados. Resumo: um benemérito desta Secção.

O sr. Pedro Grangeon, no seu discurso repassado de sinceridade, espraiou-se ainda na análise da figura do grande aveirense que foi o dr. Lourenço Peixinho, e terminando, disse ainda: eis, senhores, a razão da nossa homenagem. E'-me grato sr. dr. António Peixinho, a mim, pronunciar estas palavras de justiça, tão singelas como sinceras.

E agora, em nome da Direcção da Secção Náutica do Clube dos Galitos, tenho a honra de convidar V. Ex.a a descerrar o retrato de seu Pai, que esta Direcção julgou de seu dever colocar na sala como preito muito sentido de saüdade, admiração, respeito e reconhecimento pela memória de tão prestante cidadão.

Uns momentos de silêncio, e o sr. dr. António Peixinho, depois de descerrar a fotografia, profundamente comovido, com dificuldade poude, em rápidas palavras, fazer o agradecimento.

Notas Mundanas

Aniversários

Fazem anos: hoje, a sr.ª D. Augusta de Morais Sarmento Q. Domingues, esposa do sr. capitão Arnaldo de Quina Domingues; no dia 16, o sr. Domingos Moreira da Costa, comerciante local, a menina Maria Berta Amador e o inocente Britaldo Normando de Oliveira Rodrigues, filhos, respectivamente, dos srs. Amadeu Amador, da firma Testa & Amadores, e Luís Manuel Rodrigues, funcionário do Secretariado da Propaganda Nacional; em 17, a sr.ª D. Maria de Lourdes Carvalho Vilaça, filha do sr. Domingos Vilaça, e o sr. Alexandre dos Prazeres Rodrigues; em 18, as sr.ᵃˢ D. Felicidade Cândida Ferreira e D. Adelaide da Costa Crêspo, residentes, respectivamente, em Macieira de Cambra e Cruz da Légua (Porto de Mós), e D. Amélia Diniz Freire, esposa do sr. António Nunes Freire, comerciante no Congo Belga; e em 19, a sr.ª D. Luísa da Cruz Duarte Silva, esposa do sr. dr. Jaime Duarte Silva, distinto advogado na comarca, e a inocente Maria Eduarda, filha do sr. Elmano Cordeiro da Silva, amanuense da secretaria do Comando da Polícia.

Partidas e Chegadas

Vieram do Caramulo aqui passar alguns dias, a gentil Maria de Lourdes Cristo, filha do escrivão da comarca sr. Júlio Cristo, e o sr. Manuel da Cruz, filho do sr. António Pinho da Cruz, ausente na América.

Doentes

No Hospital da Universidade de Coimbra foi operado, segunda feira, pelo abalisado cirurgião sr. dr. Nunes da Costa, o nosso conterrâneo Adriano Casimiro da Silva que há meses se debate com um abcesso pulmonar.

Assistiu à intervenção cirurgica, que decorreu normalmente, o médico desta cidade sr. dr. António Peixinho, sendo o estado do enfêrmo, à hora que escrevemos, bastante animador.

—Naquela cidade continua em tratamento o sr. Adolfo dos Santos Ritto, sócio da firma Rittos, Irmãos, L.da.

As suas melhoras têm-se acentuado, o que estimamos.

—Por os seus achaques o exigirem, foi consultar um especialista a Lisboa, onde ainda se encontra, o nosso amigo Alfredo Esteves, que muito desejamos ver completamente restabelecido.

—Já sai à rua o talentoso causídico sr. dr. Jaime Duarte Silva, que por êsse motivo tem sido muito cumprimentado pelos seus numerosos amigos.

—Também esteve doente, encontrando-se em via de restabelecimento, o activo comerciante João Rodrigues Testa, da firma Testa & Amadores.

Grande Concurso das Romarias de Portugal

O *Diário de Coimbra*, órgão do regionalismo beirão e o único jornal diário do centro do país, acaba de levar a efeito uma interessante iniciativa de grande projecção popular. Assim, êste nosso colega organizou o Grande Concurso das Romarias de Portugal, destinado, sem dúvida, a um grande êxito. Entre os bons prémios do referido concurso contam-se uma bela máquina de costura *Naumann*, uma bicicleta *Hélio* e uma estadia de um mês no esplêndido *Gouveia Hotel*, de Gouveia.

E' fácil concorrer a êste concurso. O *Diário de Coimbra* presta todos os esclarecimentos e instituiu assinaturas especiais com a rúbrica: *Assinatura do Grande Concurso das Romarias.*

Mas há mais prémios e todos êles valiosos: uma mobília de verga, fatos, sobretudos, serviços de louça, etc., etc.

Nova estação postal

Inaugurou-se no dia 7 a das Pedras Salgadas, cujo exterior, segundo vemos na plaquete enviada a êste jornal, segue o estilo das restantes espalhadas pelo país.

São gostos e êstes, costuma dizer-se, não se discutem.

Por Oliveira de Azemeis

Carta aberta ao sr. Aires Roque

Esclarecendo...

Foi por uma noite invernosa, ouvindo notícias da guerra, que em certa altura, na minha casa, nasceu a ideia da organização de mais uma sociedade que, nesta vila, explorasse a velha indústria local do vidro.

Nasceu a ideia e tomou vulto entre os presentes, que eram os srs. Aires Roque, José Lino Pires e a minha pessoa.

E o entusiásmo inicialmente demonstrado traduziu se em trabalho insano; fizeram-se diligências várias, assediaram-se pessoas amigas e de representação, das quais havia a esperar a decisão magna; queimaram-se dias após dias, surgiram insucessos após insucessos, até que, em 26 de Novembro do ano findo, essa bela ideia tornou-se numa realidade: o alvará para a montagem de uma nova fábrica de vidros foi concedido, e desta resolução oficial se tomou conhecimento.

Exultaram os bons oliveirenses e o sr. Aires Roque, recebendo cumprimentos após cumprimentos e felicitações, pavoneava-se pelas ruas desta laboriosa vila como um verdadeiro triunfador.

Havia a possibilidade de vincar mais fortemente a posição industrial de Oliveira de Azemeis — terra progressiva, mas sempre ávida de maiores prosperidades e era essa mesmo a vontade propalada pelo sr. Aires Roque que, ocultando-se em véu de falsa modéstia, não pretendia nem reclamos à sua pessoa, nem guindar-se a culminâncias a que estava desabituado, pois o seu único interesse seria o de continuar a viver como até aqui, almejando mais do que tudo distribuir benésses pelos seus pobres operários...

A ideia era linda e o programa vasto — sob o ponto de vista de assistência social...

Passou-se isto a 26 de Novembro de 1943.

De então para cá, o caminho que se trilhara até aquela data passou a ser trilhado no sentido inverso, isto é: de princípio, conjugação de esforços no sentido de se conseguir a autorização para o alvará; posteriormente, o afastamento e a fuga do sr. Aires Roque ao contacto dos seus consócios fundadores, logo que se apanhou governado...

Principia aqui a história.

E é, neste momento, que pretendemos esclarecer o assunto que conseguiu apaixonar a opinião pública local — se bem que os actos do sr. Roque não fôssem merecedores de tanta discussão...

No entanto, o sr. Aires Roque — futuro grande industrial — ia convidando novos sócios, escolhendo colaboradores, auxiliares, abria — por meu intermédio — lista de admissão de operários a recrutar, escolhia quem prestasse assistência clínica ao pessoal e iniciava *démarches* para a aquisição do terreno para as novas instalações fabris.

E tudo isto parecia ser verdade; tudo parecia uma realidade, pois pela categoria das pessoas que eram atiradas para a *fogueira* nada mais havia a esperar do que a consumação daquelas primeiras e inadiáveis necessidades.

Um dos terrenos indicados, quer pela sua situação, quer pela sua conformação topográfica, era o do carvalhal da Estação do Caminho de Ferro, perteuça do Ex.ᵐᵒ Sr. Manuel Côrte-Real.

E, assim, foi êste sr. procurado em casa por uma delegação da nova sociedade da qual faziam parte o Ex.ᵐᵒ Sr. Dr. Amadeu Moreira, o sr. Aires Roque e a minha pessoa.

Foi o sr. Côrte-Real de uma atenção inexcedível e de uma franqueza que muito honra a sua pessoa e o seu bairrismo.

Ficou em se lhe dar uma resposta breve, a qual dependeria das consultas aos demais sócios, depois de bem ponderados os interesses da sociedade, em face das propostas do sr. Côrte-Real.

A verdade é que, a partir desta altura, como os dias fôssem decorrendo sem se tomar qualquer decisão, instei variadíssimas vezes junto do sr. Roque para que se tomasse uma deliberação e ela fôsse comunicada ao proprietário do terreno, que não podia, quer pelos seus interesses, quer até pela muita consideração pessoal de que lhe eramos devedores, estar indefinidamente à espera de uma solução.

O sr. Roque não tinha pressas; e fingia interessar-se por outros terrenos: um em Ul; outro na Abelheira e, ainda, um quarto em Cucujães, pertencente ao Ex.ᵐᵒ Sr. Clemente de Castro Lopes, junto do qual compareceram os srs. Aires Roque, José Lino Pires e Manuel Ferreira da Costa — êstes dois classificados, com o signatário, pelo grande industrial, como seus consócios fundadores.

E até o sr. José Lino Pires foi por Sua Ex.ª encarregado de saber o preço da venda, por metro quadrado.

Mas, em dado instante, como se fôssem protelando por demais os trabalhos preliminares que deviam conduzir à organização da nova emprêsa, o sr. Roque — fazendo equilíbrios instáveis — principiou a ser olhado com desconfiança pelos seus colaboradores, pois as suas atitudes coadunavam-se com o que já se rosnava sôbre a montagem da fábrica em Albergaria-a-Velha...

E o sr. Aires a tôdas as preguntas que se lhe faziam nêsse sentido e até no da possibilidade de já se não montar a fábrica, respondia negativamente, com ar de pessoa leal: — por todo o mês de Janeiro, principiarão os trabalhos de construção da fábrica (declaração ao sr. José Pereira da Silva); dou-lhe a minha *palavra de honra* que a fábrica montar-se-á em Oliveira de Azemeis (afirmação feita ao sr. José Lino Pires — quando o interpelou ácêrca dos boatos sôbre a montagem da fábrica em Albergaria-a-Velha).

Até hoje nenhuma resposta pessoal obteve o sr. Côrte-Real; nenhuma comunicação foi feita pelo *dono* do alvará (êste foi passado em nome do sr. Aires Roque) aos seus colaboradores; mas sabe-se que o sr. Roque resolveu instalar a fábrica na Marinha Grande, terra da sua naturalidade, onde já é proprietário; obteve, para isso, o indispensável despacho para transferência do local da instalação e continua a ser — como até aqui — o sr. Aires Roque, mas agora bem mais conhecido de todos nós!

O sr. Aires Roque, pessoa muito viajada e bem falante, esqueceu-se de um predicado comesinho em questões sociais: o da lealdade que deve aos outros.

Podiam os seus interesses exigir a montagem da fábrica na Marinha Grande; podia deixar — como deixou — de montar a fábrica nesta vila, embora para o conseguir tivesse obtido valiosa protecção, mercê do nome da nossa terra; podia também — conseguido o alvará — vendê-lo comodamente e nada fazer; podia, até, deixá-lo no cêsto dos papeis velhos — armando-se em pessoa desinteressada...

Mas tinha obrigação restricta de não se portar com aquela falta de elegância moral com que se conduziu.

Parece-nos — nestas rápidas e fugidias linhas — ter esclarecido suficientemente a opinião oliveirense ácêrca da personalidade do sr. Aires Roque e dos malabarismos a que lançou mão para atingir os seus pretendidos fins; não me alongo em mais considerações, nem em mais comentários.

E o juizo de tôda esta questão, eu deixo ao alvitre de todos os oliveirenses e de tôdas as pessoas de boa vontade.

Passe muito bem, sr. Aires Roque!

Oliveira de Azemeis - Maio - 1944.

Anibal Rezende
Funcionário Colonial Aposentado

Secção Desportiva

Foot-ball

F. C. do Pôrto 3 — Académico Viseu 1

Para o campeonato nacional de júniores jogaram no domingo, no Estádio Mário Duarte, desta cidade, os grupos do *Foot-Ball Club do Pôrto* e do *Académico*, de Viseu.

Os jovens jogadores portuenses fizeram exibição agradável, impuzeram a sua melhor técnica e venceram, com inteiro merecimento, por 3-1.

A equipa campeã de Viseu deu excelente réplica ao adversário. O grupo da cidade de Viriato é a demonstração clara de que na sua terra se vem trabalhando, com acerto e boa vontade, para que o *foot ball* da região volte à posição que, noutros tempos, disfrutou entre os *teams* da província.

Para lá sobe-se... e para cá desce-se!

Beira-Mar--Vista-Alegre

A'manhã realiza-se um encontro entre êstes dois grupos que está marcado para as 17,30 horas.

A.

NECROLOGIA

No estado de solteira, finou-se, Odília dos Anjos Soares que ante-ontem foi sepultada no cemitério com grande acompanhamento.

Contava 71 anos e foi desvelada amiga dos pobres.

* * *

Faleceram mais: Emília de Sousa Marques, viuva, de 95 anos; José Augusto Rodrigues de Sousa, casado, de 66 e Clara da Apresentação Costa, viuva, de 80.

Atenção para a 4.ª página

Carta de Lisboa

Portugal e Brasil

A passagem da data de 3 de Maio, constituiu mais um admirável a-propósito para, de novo, se afirmar o explendor da amizade que une as duas pátrias irmãs, as duas nações atlânticas. Quer nos artigos publicados pela nossa imprensa, quer nas afirmações feitas ao microfone da E. N. pelo ilustre embaixador do Brasil, sr. dr. João Neves da Fontoura, a fraternidade luso-brasileira sobressaiu de maneira bem expressiva, significativa e eloquente.

O ilustre diplomata, que representa a nação irmã entre nós, disse em determinado passo da sua alocução:

«Portugal e Brasil constituem hoje, acima das formulas sempre vazias e transitorias, a mais genuina federação espiritual e sentimental de povos da mesma origem,que, unidos,hão-de entrar no misterioso Mudno de àmanhã.»

Verdades como punhos, as que aí ficam, elas bem merecem ser meditadas por todos os portugueses, na certeza de que, nessa meditação, todos nós cobraremos ânimo para mais e proficientemente sabermos o que pode e deve ser o nosso papel no Mundo de àmanhã, naquele mundo que há-de sair da guerra que neste momento o abraza e desvasta.

A parada aerea

Foi um grande acontecimento, a parada de material de aviação recentemente realizada na base da Ota, com a presença do Chefe do Estado, do Presidente do Conselho e demais membros do Govêrno. Mais uma vez se sentiu a verdade da frase um dia pronunciada por Salazar: «Havemos de ter um Exército». A alguns anos apenas da afirmação que foi a enunciação dum programa do maior interêsse e valor, nós sentimos que Salazar, mais uma vez, não faltou ao que prometera.

Depois das manobras do último outono em Pegões, em que se mostrou o moderníssimo apetrechamento do nosso Exército, a parada aerea da Ota é bem a certeza de que, neste capitulo, como em tantos outros, o renascimento nacional não conhece paragens nem sofre soluções de continuidade.

Havemos de ter um Exército! — é uma frase já velha e sem significação, que tem de ser substituida por esta outra: temos um Exército, completo sob todos os aspectos e moderno.

CORDEIRO GOMES

A propósito de Rossini, conta-se o seguinte:

«Quando foi apresentado ao rei Fernando VII, de Espanha, Rossini cumpriu rigorosamente tôdas as regras de etiqueta da côrte espanhola.

Todavia, a certa altura, Fernando VII que estava fumando, ofereceu o seu cigarro, já em meio, a Rossini.

Este recusou-se, amàvelmente, mas a rainha, que estava a seu lado, segredou-lhe:

—E' uma honra que o rei não concede a muita gente. Deve aceitar o resto do cigarro e fumá-lo. O rei ficará satisfeito!

Então, em voz baixa ainda, Rossini disse-lhe a razão da sua recusa:

—Mas eu nunca fumei, Majestade...»

Auzenda da Silva

Agradecimento

Laura da Silva, Maria Amélia da Silva e Firmino da Silva agradecem, por êste meio, a todas as pessoas da sua amizade e relações as provas de pesar com que os distinguiram e acompanharam em transe tão doloroso. Por qualquer omissão involuntária nos agradecimentos directos apresentam as suas maiores desculpas.

Aveiro, 10 de Maio de 1944

Secção feminina

DIRIGIDA POR MARIA DA CONCEIÇÃO NOBRE

Higiene alimentar

A máquina humana, à semelhança de qualquer outra, não pode trabalhar sem ser convenientemente alimentada. Êsse trabalho depende da qualidade do combustível que lhe introduzirmos.

Os alimentos crus, que a natureza nos oferece, tais como frutas e vegetais, são os mais indicados, porque além de conterem maior número de vitaminas elas não perdem parte do seu valor pela sujeição à fervura.

Ora, no verão, em que não há tanta necessidade de se ingerirem comidas quentes e portanto fervidas, bem podemos usar as saladas e frutas, indispensáveis ao nosso organismo.

Deve, contudo, exercer-se uma fiscalização minuciosa sôbre êstes alimentos. O calor deteriora-os muito mais rápidamente do que a estação fria. Não esqueçamos que a maior parte das doenças intestinais, as más disposições, as digestões difíceis etc., provém da má escolha do que comemos.

A fruta não se deve colher nem ainda verde, nem demasiado madura. E' um êrro grave supôr-se que, por ex.: as peras quando já estão quási pôdres, como vulgarmente se diz, são mais saborosas. Os micróbios contidos nelas têm muito maior virulência e são portanto mais prejudiciais à saúde. Os rábanos, rabanetes, tomates, cenouras, alfaces, chicória e agriões, que são verdadeiramente uma fonte de riqueza alimentícia, devem procurar-se frêscos, lavarem-se bem, cortarem-se em bocados miudos, temperarem-se com mais azeite do que vinagre e pouco sal. A cebola, maravilhoso remédio contra tantas enfermidades, é absolutamente precisa nas saladas. De uma refeição para a outra, êstes pratos já temperados não se devem aproveitar, porque se estragam, embora não possamos verificar bem o seu estado. Outro tanto acontece com os alimentos aridos. Não se pense que a fervura pode destruir por completo as ptomaínas (produtos tóxicos já formados nos alimentos). E' por às vezes não vermos bem as carnes que saiem dos frigoríficos ou as conservas, que se dão grande número de incómodos.

A verdadeira intoxicação, aquela que é produzida pelas ptomaínas, é uma doença infecciosa, que aparece, com elevada temperatura, vómitos, dôres, etc., e demora alguns dias a curar quando a decomposição dos alimentos está apenas no seu indício, nem por isso deixam de nos fazer mal.

Temos nos intestinos uma grande quantidade de *Bacilos Colli*, micróbios cuja virulência aumenta ou é exaltada pela presença de certas substâncias que não são puras, e quando comemos dêstes alimentos, temos forçosamente de sofrer as suas conseqüências.

Estamos em plena época da fava.

Quantos pratos se podem preparar com elas?

Nas favas mais novas e tenras, aproveita-se a casca, que cortada muito miuda, dá uma espécie de caldo verde saborosíssimo.

A sopa de puré de fava é muito alimentícia.

Favas guizadas com chouriço mouro e toucinho, fazem um prato excelente.

A fava pode cozer-se com bacalhau ou peixe, que substitue a batata.

Favas refugadas com arroz é muito bom.

Experimentem puré de fava expesso para acompanhar o bife, e verão que é agradável.

Favas recheadas são divinais.

Da casca da fava também se faz esparregado.

E favas mexidas com ovos? Delicioso.

Aos nossos assinantes

Pedimos o favor de não deixarem devolver os recibos apresentados pelo correio, tendo em atenção o aumento de despeza que isso nos acarreta e bem assim o trabalho administrativo do jornal, que não é pequeno.

Agradecemos.

Correspondências

Preza, 9

Tendo sido ordenado, para evitar desastres, a cobertura e resguardo dos poços, era justo que ali, na Fôrca, fôsse construido um muro na propriedade do sr. Gomes Teixeira, pois não faz sentido aquêle abismo à beira da estrada.

Apelemos para a Direcção Geral da Administração Política e Civil.

— Vitimado por uma angina pectoris faleceu, esta madrugada, com 63 anos, o sr. Francisco Marques de Oliveira, mais conhecido pelo *Chico dos Pirolitos*.

Era casado e no seu enterro, realizado para o cemitério sul dessa cidade, incorporaram-se as irmandades da Presa, Quinta do Gato e Vilar. Foram-lhe oferecidas algumas coroas e *bouquets*, conduzidos por pessoas da sua intimidade.

A tôda a família os nossos sentimentos.

—Deu à luz um menino a esposa do sr. João Tavares.

Parabeus.

C.

Esgueira, 11

Realizou-se o anunciado encontro de *basket*, entre os grupos da Casa do Povo e do *Club dos Galitos*, dessa cidade, vencendo êste por 32-18.

Foi arbitrado com imparcialidade por Coutinho Fortuna, do Pôrto.

Amanhã realiza-ze novo desafio, entre os mesmos grupos, em Aveiro.

— Para o sr. António Capela, de S. Bernardo, foi pedida em casamento a simpática tricaninha Francelina Lopes de Almeida, filha do sr. João Lopes de Almeida.

A cerimónia realiza-se em breve.

—Para festejar os aniversário de Evaristo Rodrigues, Raul Sanches e Alfredo Simões da Silva, os *folhetas* devem confraternizar no dia 15 do corrente.

A *ementa* está em estudo...

C.

Costa do Valado, 11

Na sua vivenda da Gândara, faleceu, no sábado, a sr.ª D. Maria Ferreira, de 61 anos, que há muito não saía de casa impossibilitada pela doença.

Era viuva do nosso malogrado amigo José Rodrigues Ferreira, e no seu funeral, efectuado na tarde de domingo para o cemitério da Oliveirinha com grande acompanhamento, incorporou-se a música velha de Fermentelos, que durante o trajecto executou uma marcha fúnebre.

A tôda a família enlutada os nossos sentidos pêsames.

—No frontispício da nossa capela foi colocada, no domingo, a effigie de S. Tomé, e uma lâmpada eléctrica por cima do relógio que permite vér as horas de noite.

—Do hospital da Misericórdia dessa cidade onde fez operação a uma hérnia, regressou ontem a sua casa, o sr. Ernesto Ferreira Maia.

C.

Atenção para a 4.ª página

Horário dos combóios

Partidas para o norte	Partidas para o sul
5,27 (correio)	0,24 (correio)
6,20 (tram.)	7,48 (tram.)
6,54 (tram.)	11,15 (»)
12,05 (tram.)	15,41 (tram.)
13,23 (rápido)[1]	19,34 (rápido)[1]
17,24 (tram.)	21,52 (recov.)
20,40 (»)	Do Porto chega um tram. ás 21,07 que não segue.

(1) Ás terças, quintas e sábados.

Linha do Vale do Vouga

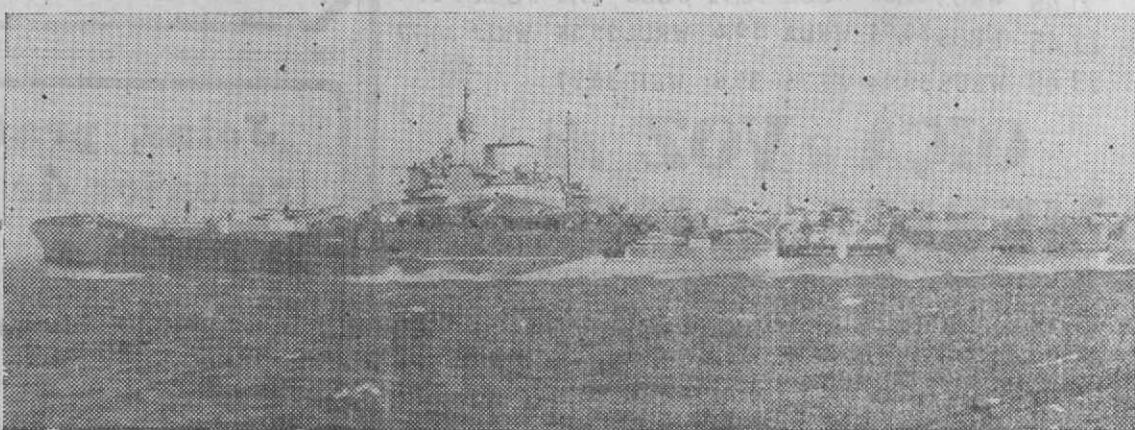
PARTIDAS	CHEGADAS
8,04	10,48
13,50	15,20 (1)
16,20 (1)	19,11
19,42 (2)	23

(1) A's terças, quintas e sábados.
(2) Só até à Sernada.

«O Democrata»
ASSINATURAS
(Pagamento adiantado)

Portugal (Ano) .	30$00
Semestre . . .	15$00
Colónias (Ano) .	30$00
Estrangeiro (Ano)	40$00
Número avulso .	$60

ANÚNCIOS
Mais duma publicação, contrato especial.

A' MARGEM DA GUERRA

PORTA AVIÕES BRITANICO RASGANDO TRANQUILAMENTE AS ONDAS DO OCEANO

Drogaria Ultramarina, L.da

Por escritura de 10 de Maio corrente, lavrada nas notas do notário desta cidade, Dr. Adelino Simão Leal, foi constituida uma sociedade por cotas de responsabilidade limitada, entre os srs. José Fidalgo Ribau e António Alves Júnior, nos têrmos e sob as cláusulas e condições constantes dos artigos seguintes:

1.º

A sociedade adopta a denominação de *Drogaria Ultramarina, Limitada,* tem a sua sede na Gafanha da Nazaré, concelho de Ilhavo, podendo criar filiais ou agências onde e quando convenha à sociedade.

2.º

A sua duração é por tempo indeterminado, a contar de hoje, e tem por objecto o comércio em geral de drogaria e ferragens, comissões, representações e conta própria, podendo explorar qualquer outro ramo de negócio em que os sócios acordem.

3.º

O capital social é de 20.000$ em dinheiro, dividido em duas cotas iguais, uma de cada sócio, já inteiramente realizadas.

4.º

A gerência, dispensada de caução, fica a cargo dos dois sócios. Os documentos que envolvam responsabilidade para a sociedade só terão validade quando firmados pelos dois sócios, em conjunto.

5.º

Não serão exigíveis prestações suplementares, podendo, no entanto, qualquer sócio fazer à Caixa Social os suprimentos que ela carecer,

6.º

A cessão de cotas a favor de estranhos só poderá operar-se com o acôrdo do outro sócio.

7.º

Em 31 de Dezembro de cada ano será dado balanço e dos respectivos lucros serão retirados 5 °/o para fundo de reserva legal e quaisquer outras percentagens em que os sócios estejam de acôrdo, e o restante será repartido em partes iguais pelos sócios; igualmente serão entre êles suportadas as perdas, se as houver.

8.º

Nos casos de morte ou interdição de qualquer dos sócios a sociedade não se dissolve. Os herdeiros ou representantes do sócio falecido ou interdito nomearão, de entre êles, um que os represente a todos.

9.º

Dissolvendo-se a sociedade, todos os sócios serão liquidatários, procedendo-se à liquidação como fôr acordado; mas desde já fica determinado o direito de licitação para o caso de todos pretenderem os estabelecimentos sociais, os quais serão adjudicados ao que melhor preço e vantagens oferecer.

10.º

As assembleias gerais, para os casos em que a lei não determine prazos e formas especiais, serão convocadas por cartas registadas, com avisos de recepção e a antecedência mínima de 8 dias.

Nos casos omissos, regularão as deliberações dos sócios devidamente tomadas e as disposições legais aplicáveis.

Aveiro, Secretaria Notarial, 10 de Maio de 1944.

O ajudante da Secretaria Notarial

Raúl Ferreira de Andrade

O Democrata vende-se no *Estanco Flaviense*, Rua dos Mercadores.

★★★ AQUI AMERICA

Emissões dos ESTADOS UNIDOS

em língua portuguesa

(RECORTE ESTA TABELA PARA REFERÊNCIA FUTURA)

Horas	Estações Ond	Estações Ond.	Estações Ond.	Estações Ond.
12,45	WRUS 30,9	WRUA 25,45	WKLJ 30,75	
13,45	WRUS 19,83	WRUA 25,45	WGEO 19,56	
14,45	WRUS 19,83	WRUA 25,45	WRUW 25,58	WBOS 19,7
17,45	WRUS 19,83	WRUA 25,45	WRUL 19,5	
18,45	WRUS 19,83	WRUA 25,45	WRUL 19,5	
19,45	WRUS 19,83	WRUA 26,9		
20,45 a 21,15	(meia hora de programa especial)			
21,15	WRUS 19,83	WRUA 26,92	WGEA 25,3	WGEX 25,4
21,45	WRUS 19,83	WRUA 26,92	WGEO 19,5	WGEX 25,4
22,45	WRUS 30,94	WRUA 39,6	WRUL 25,58	WKLJ 30,77
23,45	WRUS 30,94	WRUA 39,6	WKIJ 30,77	

OIÇA a VOZ da AMERICA em MARCHA

A «VOZ DA AMÉRICA» em português pode ser também escutada por intermédio da B. B. C. das 19,45 às 20 horas na freqüência de 48,43 m. 41,96 m., 31,41 m. e 25,09 m

(Emissões diárias)